

# **R** ESENHAS

**PENGLASE, R. Ben.** *Living with Insecurity in a Brazilian Favela.* **Urban violence and daily life.** New Brunswick, New Jersey and London: Rutgers University Press, 2014, 210 p.

**Nicolau Dela Bandera**

*Doutorando em Antropologia Social – USP*

Para além da discussão política e moral sobre a convivência ou a resistência dos moradores em relação ao tráfico de drogas, Penglase, professor de antropologia social na Loyola University Chicago, descreve em uma etnografia fina como os moradores lidam com o medo e a insegurança no cotidiano de uma favela na cidade do Rio de Janeiro. O autor investiga no livro *Living with Insecurity in a Brazilian Favela* as táticas sociais (DE CERTEAU, 1984) e os modos de conhecimento mobilizados pelos moradores para sustentar uma existência que sempre corre o risco de ser assaltada pela imprevisibilidade das múltiplas formas de violência. Dentre tais táticas, os moradores precisam saber como usar os espaços e as relações sociais de vizinhança, sem “bater de frente com os mais poderosos” ou, ainda nas palavras de um interlocutor do autor, “se meter em briga de cachorro grande”. As relações sociais na favela não são retratadas quer como um mundo social estável e coerente que seria assaltado e desestruturado pela violência, quer como um mundo sem lei e sem ordem onde só a violência impera. Lançando questões etnográficas, o autor desestabiliza certas polaridades do pensamento social em relação ao estudo das favelas: ordem e desordem, convivência e resistência, formalidade e informalidade. Dentre tais questões, é possível destacar a seguinte: “o que a violência significa para os moradores, e como ela se combina com outros aspectos de suas lutas diárias?” (p. 26).

Ao descrever esse emaranhado de táticas, o autor consegue retratar como a criatividade e a improvisação são empregadas pelos moradores para criar

zonas de autonomia temporária. Não tomar uma posição clara a favor ou contra o tráfico aparece, portanto, não apenas como uma cooperação ou ainda o resultado de uma coerção por parte dos traficantes, mas também como uma tática que visa maximizar as oportunidades de sobrevivência. Os moradores empregam, por exemplo, um léxico próprio ao se referir às pessoas envolvidas com o tráfico de drogas: “o movimento, o tráfico, a rapaziada, o pessoal, a boca”. Tais termos são impessoais e não revelam a identidade da pessoa, constituindo uma forma de falar sobre a questão sem se comprometer. Essa linguagem evasiva permite expressar as consequências da violência no cotidiano sem se arriscar e colocar em perigo os familiares. Além disso, os moradores precisam desenvolver uma *performance* de um segredo público (TAUS-SIG, 1999), afirmando constantemente que você “não viu nada, ouviu ou disse nada”. Ao explicitar que eles não estão envolvidos e não querem se envolver, os moradores podem administrar cuidadosamente as sutis linhas simbólicas que os separam dos traficantes.

Os moradores da favela Caxambu (pseudônimo inventado pelo autor) pensam constantemente sobre a alteridade, sobretudo na interação com quem é de fora do morro, como o antropólogo, logo apelidado de o “gringo” por eles. O autor descreve como seu *status* no local foi alterado quando ele sofreu uma batida policial, ao ser visto pelos policiais como um possível usuário que havia subido o morro para comprar droga. Tal como retratado por Bourgois (1996) em sua pesquisa entre os vendedores de crack no Harlem, ou ainda a descrição clássica de Geertz (1978) de sua fuga após uma batida policial em uma briga de galos em Bali, o autor passou a ser visto de uma maneira diferente pelos moradores após esse conflito com os agentes da (des)ordem, sobretudo por aqueles que estavam envolvidos mais diretamente com o tráfico. Contudo, Penglase não romantiza tal experiência. A alteridade ainda se faz presente, ainda que sob uma nova roupagem. Nesse evento, ele passou por uma forma de assédio distinta da sofrida por jovens negros na favela, quer estejam ou não envolvidos com o tráfico de drogas. Abordado como usuário, Penglase poderia ser alvo de uma tentativa de extorsão por parte dos policiais, e não das formas mais violentas de assédio sofridas constantemente pelos meninos do

tráfico. A cor da pele marca a diferença na abordagem e na produção da alteridade do pesquisador. É interessante notar que, nesse contexto, não só o antropólogo estava interessado na alteridade. Nessa situação, é possível visualizar que aquilo que os antropólogos de língua inglesa denominam *ethnographer's positionality*, ou seja, a posição social do pesquisador tal como é interpretada pelos sujeitos da pesquisa, acaba por ser instável e alterar-se ao longo da pesquisa, constituindo em si uma fonte para se pensar nessa mútua avaliação sobre a diferença realizada durante um trabalho de campo.

Uma expressão reiteradamente apresentada ao longo do livro, e que é utilizada como o título do primeiro capítulo, afirma que “para se viver aqui você precisa saber como (con)viver”. Os moradores experimentam as relações no bairro de forma ambivalente, reforçando por vezes os laços de parentesco e amizade entre os moradores, que também tendem a ser paradoxalmente vistos como íntimos perigosos (*dangerous intimates*). A ideia de um “morro familiar”, por exemplo, é utilizada pelos moradores como uma tentativa de lidar com a imprevisibilidade e o perigo que cercam suas vidas. Mais do que apenas uma representação do que é a realidade, o “morro familiar” é um discurso performático (um termo de Austin [1975] empregado por Penglase) utilizado pelos moradores para conformar as interações sociais (p. 71). Os traficantes são, portanto, vistos como íntimos perigosos, “crias do morro”, familiares que os moradores conhecem desde criança e que “eles viram crescer” – ao utilizar tais ideias para se referir aos traficantes, os moradores tentam controlar suas ações, reivindicando respeito.

A ideia de “cria do morro”, por exemplo, expressa como os moradores pensam as diferenças entre eles mesmos, não vista apenas a partir da diferença de cor ou classe, mas também pelos laços que as pessoas têm com o local, valorizando mais aqueles que são “nascidos e criados” no morro. A “cria do morro” é a criança que foi criada por todos no local, que todos viram crescer. Esse termo liga de maneira poderosa a identidade à residência, à vizinhança, às relações de parentesco e à materialidade do local (p. 87). Contudo, tal estratégia de associar os traficantes à localidade, identificando-os com as famílias do local e o morro como uma “família extensa”, não consegue “domesticar”

a imprevisibilidade de suas ações violentas. Eles são vistos de forma ambivalente quer como parentes, quer como radicalmente outros, que “passaram para o outro lado” (p. 89), e que representam o perigo e a imprevisibilidade. Os amigos de outrora que “passaram para o outro lado” se convertem em colegas, pessoas com quem se mantém um contato a distância, marcado, por exemplo, pelos cumprimentos e não mais por uma intimidade.

A relação de parentesco com um traficante também é experimentada de modo ambivalente pelos moradores. Ao mesmo tempo em que ela pode oferecer certa assistência e proteção em relação à violência, como no caso do próprio antropólogo que escapou de um mal-entendido graças à intervenção do padrinho (traficante) do filho de Clara, sua principal interlocutora no trabalho de campo, tal relação pode também ser vista como uma intimidade perigosa, pois o mundo sedutor do crime pode se fazer ainda mais presente quando o traficante é também um padrinho, irmão ou primo, “convertendo” os meninos da família para o “outro lado”.

Os moradores vivenciam, portanto, um dilema na interação com esses íntimos perigosos: “como administrar ser ao mesmo tempo próximo o suficiente desses íntimos para controlar o perigo, ou talvez garantir alguma assistência, e ainda manter uma distância o suficiente para evitar se tornar enredado na violência deles?” (p. 97). Essa relação ambígua com os poderosos foi experimentada de maneira dramática por Penglase durante o trabalho de campo (ver p. 72 ss.). Ele estava em um churrasco na casa/bar de Seu Lázaro, o presidente da associação de moradores, quando Tubarão, um dos traficantes de Caxambu, entrou sem camiseta, com uma arma na cintura. Seu Lázaro solicita respeito, afinal, ele viu o jovem crescer, e pede para Tubarão vestir uma camiseta e não entrar armado na sua casa. Tubarão acata parcialmente a ordem de Seu Lázaro, vestindo uma camiseta, mas mantendo a arma na cintura. A atitude do traficante foi, segundo o autor, irônica, pois ele simultaneamente mostra respeito a Seu Lázaro e afronta essa autoridade ao demonstrar que sua deferência é apenas superficial. Os moradores mais antigos enfatizam que as “conquistas” (asfalto, esgoto, água, eletricidade etc.) no bairro não foram entregues de mão beijada. Elas foram conquistas das lutas dos

moradores mais velhos, sobretudo daqueles vinculados à associação de moradores. Dessa forma, os jovens, como Tubarão, deveriam na visão dos mais velhos demonstrar sua gratidão e seu respeito. A atitude de Tubarão na casa de Seu Lázaro retrata dramaticamente que a autoridade dos moradores mais antigos do local não está completamente garantida, e que se instaura na favela um conflito geracional expresso nas diferentes performances de masculinidade. Tal como demonstrado por Alba Zaluar (1985), há aqui uma inversão nas relações internas de poder na favela, especialmente aquelas orientadas por uma hierarquia geracional.

No capítulo 4, *Tubarão and Seu Lázaro's dog*, o autor oferece uma interpretação da chamada “lei do morro”, ou seja, da ideia de que os traficantes ofereceriam segurança para a comunidade, desde que as pessoas não os denunciem para a polícia. Segundo Penglase, não se pode tomar a ideia da “lei do morro” por seu valor de face, ou seja, afirmar que haveria um governo pelos traficantes que institui uma lei exterior ao estado de direito. O autor demonstra que os próprios traficantes são os primeiros a violar as regras por eles mesmos estabelecidas, suspendendo a normalidade, criando o que o autor denomina uma “*disruptive presence*”. Há um uso estratégico da excepcionalidade. É nesse momento que a atuação da polícia é essencial para a interpretação realizada pelo autor. Os policiais, tal como os traficantes, produzem constantemente a desordem e o estado de insegurança no local. Ambas as forças transformam um espaço de intimidade em uma zona militar de emergência, onde a animosidade predomina. Os policiais também não respeitam a distinção entre espaços públicos e privados, invadindo as casas dos moradores, o que constitui uma afronta e uma humilhação radical para os homens do local, que não interpretam essas ações apenas como uma violação da lei e da privacidade, mas também como uma afronta à masculinidade e um desrespeito às distinções de *status* entre os moradores. Essas ações acabam radicalizando a alteridade entre os policiais e os moradores, que passam a considerar a instituição polícia como estranha, não reconhecendo nada em comum entre eles. Tal atuação dos policiais, segundo o autor, abre caminho para a reivindicação e a legitimação da autoridade pelos traficantes, que aproveitam a humilhação pro-

vocada pela polícia em relação, sobretudo, aos homens mais velhos da comunidade. Diferentemente dos policiais, os traficantes utilizam estrategicamente a linguagem do “respeito” e conseguem, ainda que apenas temporariamente, conquistar certa autoridade no contexto de Caxambu. Outro efeito produzido pela ação indiscriminada da polícia é a racialização dos conflitos sociais no interior da favela. Enquanto os moradores tentam construir o espaço público da rua como um local de intimidade onde as distinções de cor importam pouco, os policiais impõem hierarquias binárias, estabelecendo categorias estanques que ressignificam os espaços da favela, associando criminalidade, cor e local de residência.

Em outro evento, o autor demonstra como os traficantes buscam legitimar a própria autoridade por meio de uma estratégia de “des-normalização” (*abnormalization*), alternativamente impondo e suspendendo as regras que governam as interações cotidianas na comunidade. Trata-se da morte do cão de Seu Lázaro, baleado por Tubarão. Nesse mesmo evento, um ex-morador de Caxambu, que havia se envolvido em várias confusões com os vizinhos e havia sido expulso pelos traficantes do morro por ter vendido todos os móveis da casa da mulher mais velha com quem ele teve um caso, foi também baleado e assassinado por Tubarão. As fofocas no local prolongaram-se por dias após tais eventos. O principal assunto das conversas não foi o assassinato do jovem “viciado” – de alguma forma previsto e até mesmo justificado pelos moradores, uma vez que ele é retratado como um *vacilão* que não respeita a moralidade da “decência” requerida pelos moradores –, mas sobre a imprevisibilidade e o perigo que a violência perpetrada por Tubarão em relação ao cachorro da liderança local representava. Uma moradora afirmou que ela estava preocupada porque os outros traficantes não foram capazes de controlar o Tubarão: “E se ele tivesse baleado uma criança?” (p. 110). Essa estratégia de *abnormalization* acaba por reorganizar as ideologias locais de autoridade, masculinidade e violência legítima.

Ainda que Penglase consiga descrever e analisar as ansiedades que permeiam as masculinidades no local, sobretudo na relação entre os moradores que moram há mais tempo na favela e os traficantes, a etnografia não apresenta

o repertório utilizado pelas mulheres para lidar com esses íntimos perigosos, sobretudo quando eles também são parentes, filhos, sobrinhos e maridos. Ao ter como foco as relações nos espaços públicos da vizinhança, não sabemos o que se passa no interior das residências e como tais mulheres manejam táticas no cotidiano para enfrentar esse perigo latente da violência que também se volta contra elas. Além disso, se o conflito geracional é descrito em detalhes nas reivindicações de respeito e legitimidade pelos jovens traficantes em relação aos homens mais velhos, produzindo ansiedades em relação às diferentes performances de masculinidade no local, não sabemos como as crianças e os jovens não envolvidos com o tráfico lidam com ambas as reivindicações de respeito: eles devem respeitar os mais velhos, pois, segundo o autor, as famílias em Caxambu ainda operam a partir dos valores da família patriarcal, e também os traficantes, que podem ser “padrinhos”, como no caso do filho de Clara. Quais são as ansiedades produzidas entre as crianças, de ambos os sexos, no cotidiano da favela? Como eles/elas utilizam táticas de aproximação e distanciamento, tais como o idioma do parentesco, em relação aos íntimos perigosos com o intuito de preservar uma distância segura nesse ambiente? Quais são as táticas empregadas pelos pais para mantê-los distantes do perigo?

Outra questão em aberto, apontada pelo próprio autor na conclusão do livro, refere-se à alteração da dinâmica de interação entre os moradores, os traficantes e os policiais após a instauração das unidades de polícia pacificadora (UPPs). O trabalho de campo realizado por Penglase foi conduzido antes da instauração dessas políticas e, por isso, não permite visualizar como tais ações alteraram (ou não) as interações entre tais agentes. Contudo, o autor aponta para uma interpretação interessante: as UPPs possivelmente não alteraram por completo tais dinâmicas, e passaram a desempenhar mimeticamente certos papéis antes desempenhados pelos traficantes ou pelas associações de moradores, tais como a regularização dos serviços (segurança, eletricidade, telefone, esgoto, água) prestados à comunidade. A imprevisibilidade das ações de (in)segurança pelas forças militares que compõem a UPP, segundo o autor, parece ainda ser uma marca registrada nessas interações. Outra consequência das UPPs, apenas enunciada pelo autor e não explorada a fundo, refere-se à valo-

rização dos preços dos imóveis em algumas favelas, forçando e incentivando os moradores mais antigos a sair do local, o que traz ainda mais implicações para as relações entre as diferentes gerações de moradores.

O livro de Penglase consegue retratar etnograficamente como os moradores de Caxambu que não participam do tráfico de drogas criam táticas sociais para viver em um mundo caracterizado pela insegurança e a violência. O autor demonstra que “saber como viver na favela” não significa apenas respeitar um conjunto de regras estabelecidas pelos traficantes, mas também lidar com um código do silêncio e uma reciprocidade do respeito, estabelecendo uma etiqueta cotidiana necessária para navegar nas interações complexas e ambíguas que caracterizam o cotidiano da vida na favela.

## REFERÊNCIAS

1. AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1976.
2. BOURGOIS, P. *In search of respect: Selling Crack in the Bairro*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
3. CERTEAU, M. de. *The practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984.
4. GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
5. ZALUAR, A. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.